ELE & ELES

Warley Matias de Souza

ELE & ELES

CLUBE DE AUTORES

Souza, Warley Matias de, 1974-
Ele & eles / Warley Matias de Souza. –
1ª ed. – Joinville : Clube de Autores, 2022.
71 p. ; 21 cm.

ISBN 978-65-00-53092-6

1. Literatura brasileira. I. Título.

CDD-B869

ELE & ELES

Copyright © 2022 WARLEY MATIAS DE SOUZA

Capa: gerada por IA.

Proibida a reprodução parcial ou total desta obra, por qualquer processo, sem autorização por escrito do autor.

prólogo.

Acorda. Uma pontada forte no lado direito do abdômen. Dorzinha chata. Deita-se de bruços, às vezes dá resultado. Dessa vez não. Levanta-se. Vai ao banheiro. No espelho, os olhos escuros o olham com pesar. A cara amarrotada, a calvície, os fios brancos. Fome é vida, a morte é satisfação. O que acontece após o derradeiro estertor? Ultimamente, vem tendo esperanças desesperadas. A morte se aproxima, mas não está ainda acostumado com ela. Aquela dorzinha está ali há quase um mês. Os médicos dirão quê. Exames, exames e mais consultas. Diagnóstico nenhum. Compram diploma, e a gente que paga o pato. Incompetentes. Analgésico, e logo passa. Escuridão lá no céu, postes de luz aqui embaixo, nenhum veículo automotor na rua.

Vai até a estante e escolhe um livro. Não lê mais nada novo, só faz releituras, como se quisesse lembrar, reviver o vivido. Impossível. Nenhuma leitura é igual a outras. Põe os óculos, ajeita-se na poltrona, só de cueca, o pau adormecido, o coração quase no fim. Na segunda página lida, percebe que ficou alheio enquanto os olhos deslizavam sobre as palavras. Disperso sempre. Volta ao início, lê em voz alta. Sente um arrepio, medo da própria voz. Lê devagar, degusta o som das palavras, consegue se concentrar. Após dez páginas, pensa sobre elas durante dez minutos, um para cada. Voltar a dormir? Impossível. No fim da vida, dorme-se pouco, é o que dizem. Ele comprova. Resta-lhe pouco tempo, não deve gastá-lo nos braços doces de Morfeu.

Açúcar. Não propriamente o veneno em si. Algo doce. Seu

fraco. Para que economizar vida? Na geladeira, o pudim sorri-lhe traiçoeiro. A colher afunda na boca, os olhos se fecham de prazer. Melhor do que sexo, não tem dúvida, muito melhor, mesmo o sexo doce não é tão doce quanto. Culpa nenhuma, em relação a nada, culpa é coisa de gente fraca e ingrata. Entre morrer com um pinto na boca e; prefere a colher cheia de mel. Respira fundo, satisfeito e triste. A felicidade consiste em desejar, o orgasmo é a morte, *petite mort*, como dizia aquele lindo francês. Tem um fraco por franceses. Tão *avant-gardistes*!

Olha para a parede. Ouve um trem apitar ao longe. Gosta mais da noite do que do dia. O silêncio, a ilusão de que o mundo dorme. Os sóis de inverno têm um lugar em seu coração. Mas a sensação de solidão que a noite traz é única. Além disso, a luz elétrica e as sombras o impedem de ver com clareza as manchas na parede, as rachaduras na pintura, o piso lascado e tantas outras imperfeições. Nas sombras, a casa é um pouco bela, habitável. Mas Ele gosta de se ver, no espelho, em ambiente iluminado naturalmente, com luz solar. A luz faz bem aos seus traços, dá certo encanto à pele flácida e às marcas de expressão, sem falar que ameniza as olheiras. Nas sombras, a velhice se acentua, se situa, reside plena. No sol, a juventude brilha. Casa nas sombras; rosto na luz.

Quando morrer, só descobrirão seu corpo por causa do cheiro de carne podre. Isso não o incomoda, acha mesmo uma boa forma de não ser esquecido, o cadáver podre, tão natural, tão sem artifícios tanatofóbicos, tão poético. Se lhe fosse permitido, queria mesmo que seu corpo morto fosse lançado aos urubus, sem pompa, sem circunstância, sem transtornos ou hipocrisias. Nada mais

natural servir de alimento aos urubus, nada mais natural. Acende um cigarro. Proibido fumar. Fodam-se os moralistas. Dos meus pulmões cuido eu, pensa. Não tem mais paciência com os medíocres que se empenham em controlar a vida alheia.

Ansiedade noturna. Fumar. Comer. Foder não mais. Com cigarros e sem camisinhas enfim. Um cachorro late ao longe. Somos unidos aos ancestrais pelo latido de um cão.

Às vezes, Ele sente saudade dos pais mortos, do irmão distante, e de Fábio. É recente a emoção provocada pela lembrança de um tempo que não volta mais. Liga a televisão: um filme de arte, japonês, tão raro na tevê aberta. Fecha essa porta para o mundo. A barriga cheia de gases, isso é tudo muito normal. Vantagem de se viver só: não é preciso fugir de ser ridículo ou mesmo nojento. A velhice tem dessas coisas, descontroles, dores e a melancolia do tanto que se perdeu. Que tal escrever um pouco? Tem um diário, máxima aventura literária possível para Ele. Não tem competência para contos, romances ou poesia. Para quem se escreve um diário? Para quê? Ilusão de eternidade. Existi! Barulho lá fora. Medo nenhum. Gatos. *Cats* na tevê. Felinos vira-latas no telhado.

Exibicionistas!

Sonhos românticos, na adolescência. Sorriso sem hálito. Beijo sem língua. Pau sem gosto. Cu sem dor. Prazer constante e infinito. A primeira paixão, delírio, caos e sensação de morte. O suicídio ronda os rejeitados. Depois, só sexo. Um beijo na boca e já era, coração entregue, olhos pidões e molhados. A desistência. O entendimento. A autossuficiência, atingível no mais alto grau possível. Álcool, sexo, drogas, livros, filmes, festas. E então: Fábio.

Amor. Morte. Solidão. Quilos mais, quilos menos. Comida a preencher o insaciável vazio. Indigestão. Diarreias. Dores de cabeça. Gripe. Tosse persistente. Chuva. Sol. Dia. Noite. Fogos. E uma infinidade de coisas que inevitavelmente temos que viver dia a dia.

Só quem tem pode ter, o resto é sonho e insatisfação.

Cara flácida, peitos flácidos, bunda flácida, coxas flácidas.

(O pau nasce flácido e tem o dom de enrijecer inumeráveis vezes durante uma vida.)

Ao agachar, ou subir um degrau, aquele gemido involuntário. A fragilidade se instala a cada segundo. Aqueles caras que enfrentou na juventude, com seu punho enorme de magro pugilista amador, hoje o quebrariam com um golpe só. A morte é um pensamento recorrente. A porta do quarto geme, a porta do banheiro geme, também geme a do armário. Tudo geme com Ele, tudo envelhece. Janelas emperradas, abertas com força bruta somente. Ele é o retrato da decadência. Não pode mais sonhar, pois o futuro pouco existe. No passado, havia tempo para a possibilidade. Agora, só há tempo para o agora e nada mais.